

*“Quaresma, tempo de jejum, esmola e oração” - Mt. 6*

Quaresma, oriunda da palavra latina *“quadragesima”*, designa o período, como o nome indica, de 40 dias que antecedem a Páscoa cristã.

A quaresma segue-se imediatamente ao período do carnaval, festejado por vários povos e comunidades, revestindo, como sabemos, muitos excessos e desvarios, o que parece quase normal para aliviar a tensão de todo um ano de trabalho, sofrimentos, angústias e contenção.

A quaresma inicia-se no dia que se segue ao carnaval, quarta-feira, dia da imposição das cinzas, pó que resulta da queima de lenhas, a lembrar-nos que, vindos do nada, humanamente somos pó, pó a que se reduzirá o nosso corpo carnal.

Afinal, o carnaval, com mais ou menos excessos, é efémero de sentido.

Ao invés, a quaresma, interpretada como tempo de oportunidades de conversão e mudança, é o tempo favorável para a vida cristã, centrada na palavra de Deus, não como mera grafia, mas PESSOA, pão, palavra e água vivas. De facto, tendo criado o homem, Deus quis ter corpo, assumir também Ele a corporeidade que nós temos para sentir os mesmos problemas e dificuldades, as mesmas angústias, os mesmos confrontos na conjugação do binómio vontade/liberdade, mas com a diferença da afirmação de um supremo equilíbrio do corpo e do espírito.

A Quaresma proporciona a busca e o encontro, um virar de página para dentro de nós, para o nosso interior, para a descoberta do reflexo da nossa vida como se a mesma se nos revelasse em imagem nas águas de um poço cujas águas, se limpas e puras, nos mostram o que ela realmente é, mas que, se poluídas e lamacentas, nada nos deixam ver ou nos afiguram uma imagem torpe e distorcida.

A *“arte de encontrar Deus dentro de nós”* bem pode ser o desafio deste tempo da Quaresma, como caminhada interior em direcção ao poço da água viva, da água que mata a sede, não a do poço de Jacob que a Samaritana ia recolher, mas da que vem da pessoa e da palavra de Jesus Cristo que se dá para nosso alimento para que tenhamos vida e a *“tenhamos em abundância”*.

Esse reencontro ou arte de encontrar Deus conduz-nos ao arrependimento, à oferta de nós próprios e da nossa vida, como o Filho se entregou ao Pai, numa relação muito pessoal e íntima de cada um com Deus e de Deus com cada um de nós tanto mais profunda quanto maior for a nossa disposição de encetar uma permanente conversão e mudança de vida.

Da intimidade dessa relação, decorre, com natural espontaneidade, o reconhecimento da nossa condição de filhos e, nessa condição, o normal recurso ao Pai, como faz qualquer filho pedindo ajuda nas situações de sofrimento, doença, angústia, perseguição, dúvida, crise (moral, espiritual ou até material), certos de que, sendo todo Ele (DEUS) fonte inesgotável de amor, perdão e misericórdia, nos não abandonará (*ainda que o possamos pensar*) e nos prestará o socorro de que necessitamos e que pode ser bem diferente do que se pede, pois, Ele conhece as nossas necessidades e, numa dimensão redentora, sabe escolher as soluções mais adequadas (*ainda que tal não nos pareça*) aos nossos problemas e angústias, recolocando-nos sobre a via que mais nos liberte e aproxime, sendo vão o esforço que possamos fazer para compreender a grandeza e dimensão desse mistério de plenitude e eternidade, tal é a nossa finitude.

Dessa relação interpessoal (nós e Deus/Deus e nós), nasce a necessidade do diálogo, manifestado na palavra que Deus nos dirige e da oração que, como louvor e gratidão, Lhe dirigimos. E, nesse diálogo,

caminhamos lado a lado, nós a cair dada a fragilidade da nossa natureza humana, o Outro (Deus) pronto a perdoar e a socorrer, não como polícia ou bombeiro, mas como Pai e Deus único e verdadeiro que a todos se oferece, não fazendo distinção de raça ou condição, bons e maus, ricos e pobres, sábios e ignorantes, governantes e governados... na certeza de que o acolhimento apenas depende da nossa caminhada em direcção a esse Pai único, verdadeiro e misericordioso.

O desafio da procura de Deus, por acção do Espírito de Deus que paira sobre nós e que guia iluminando a nossa vida e os nossos passos, conduz-nos irremediavelmente ao caminho da felicidade e da salvação, tornando-nos mais humildes, tolerantes, orantes, perseverantes e solidários, numa relação de intimidade permanente com Deus que nos vai purificando.

O trabalho de purificação não é feito por nós, mas por acção do Espírito Santo.

A quaresma é então a oportunidade de aceitar e assumir o desafio da procura de Deus através:

- da aceitação da sua palavra e dos seus dons;
- da oferta da nossa vida;
- do sacrifício que, desde logo, representa um sentido arrependimento do mal cometido (*por actos, palavras, representações e omissões*);
- de mudança de vida centrada e orientada para Deus que, de pronto, nos acolhe, ajuda e perdoa;
- do estar mais atento às situações de fragilidade e necessidade (*humana, material, moral e espiritual*) daqueles que caminham ao nosso lado e são o nosso próximo;
- do empenho na construção de uma sociedade melhor e mais solidária.

*António Agostinho*